



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

MANEZINHOS vs CATARINENSES: UM ESTUDO COMPARATIVO DO APAGAMENTO
DO RÓTICO ENTRE INTERIOR E CAPITAL DE SANTA CATARINA
(PROJETO ALiB)

Lucas Benamor Martins da Silva

DRE: 117040389

Rio de Janeiro

2021

LUCAS BENAMOR MARTINS DA SILVA

MANEZINHOS vs CATARINENSES: UM ESTUDO COMPARATIVO DO APAGAMENTO
DO RÓTICO ENTRE INTERIOR E CAPITAL DE SANTA CATARINA
(PROJETO ALiB)

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português e Inglês.

Orientadora: Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou

Co-orientadora: Professora Doutora Carolina Ribeiro Serra

Rio de Janeiro

2021

CIP - Catalogação na Publicação

SS586m Silva, Lucas Benamor Martins da
Manexinhos vs Catarinenses: um estudo
comparativo do apagamento do rótico entre interior e
capital de Santa Catarina (Projeto ALiB) / Lucas
Benamor Martins da Silva. -- Rio de Janeiro, 2021.
32 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.
Coorientadora: Dinah Maria Isensee Callou.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Inglês, 2021.

1. Distribuição do Rótico. 2. Projeto ALiB. 3.
Sociolinguística Variacionista. 4. Fonologia
Prosódica. 5. Santa Catarina. I. Serra, Carolina
Ribeiro, orient. II. Callou, Dinah Maria Isensee,
coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Agradecimentos

Primeiramente, à queridíssima professora Carolina Serra, cujas aulas de variação no primeiro semestre foram o principal motivo de eu me apaixonar pelo curso, e que, durante toda a orientação desta pesquisa, mostrou-se solícita e atenciosa. Agradeço-lhe por todo o apoio e todo o carinho; em suma, pela melhor aventura que eu jamais poderia desejar no mundo da pesquisa (sócio)linguística;

Aos demais professores da Faculdade de Letras que fizeram parte de minha formação ao longo do curso, por sua dedicação, pelos conhecimentos que me passaram com inigualável maestria, e por me mostrarem o que realmente implica ser um professor de línguas e/ou literaturas;

Ao Projeto ALiB, pelas amostras de fala e pelas cartas que consultei para o desenvolvimento de minha pesquisa; por toda sua contribuição ao estudo e ao conhecimento do Português Brasileiro;

Às incríveis amizades com que fui abençoado durante essa jornada na universidade; à Brendha, à Carol, à Clarice, ao João, à Larissa e ao Marcelo, essas pessoas fantásticas a quem sempre desejarei o melhor e que sempre terão um lugar especial em meu coração e minhas memórias. Em especial, agradeço ao meu grupinho maravilha de todos os trabalhos: à Brendhoca Prodígio, por me fazer rir mesmo quando eu estava exausto, ou de mal com a vida, por me entupir de biscoitos durante todos esses anos, por estar presente quando eu precisava, pelos abraços nos corredores e pelas fofocas na sala de monitoria; à Curarice, pelas conversas – sobre, literalmente, qualquer que fosse o tópico – durante a volta para casa no 485, pela cumplicidade na empolgação por análises literárias e parágrafos cheios de floreio, por me acalmar com sua serena companhia, mesmo quando você não estava de fato calma, por mais que parecesse; e, enfim, à Carol Frôzinha, pelas noites em claro conversando pelo WhatsApp, pelas sessões de desabafos durante nossas fugas nos corredores da faculdade, pelos conselhos hipócritas quando tentávamos aliviar a ansiedade um do outro, pelas festas e pelos papos inesquecíveis. Vocês mudaram minha vida, e sou eternamente grato por tê-las conhecido;

Ao Caio, meu parceiro no grupo de pesquisa, por toda a ajuda e pela companhia durante os plantões na F-312;

Ao Professor Marcelo Melo e às Professoras Dinah Callou, Danielle Kely Gomes, Cláudia Cunha e Eliete Batista, por terem contribuído para minha pesquisa com suas

avaliações e sugestões, sempre visando à melhoria de meu trabalho;

À CNPq/UFRJ, por ter me concedido a bolsa de iniciação científica;

À minha família e, em especial, à minha mãe, por se dispôr à tortura de ler até os piores de meus trabalhos e rascunhos; por me apoiar em qualquer meta que eu estabeleça para mim mesmo, e por puxar minha orelha quando me faltava juízo; por me ouvir quando eu precisava desabafar, pelos melhores abraços do mundo; por seu amor. Agradeço a você, mais do que todos, pela pessoa que sou e por se orgulhar de mim. Te amo!

RESUMO

MARTINS, L. B. **Manezinhos vs Catarinenses: um estudo comparativo do apagamento do rótico entre interior e capital de Santa Catarina (Projeto ALiB)**. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

O foco desta monografia é a comparação do comportamento do rótico em coda silábica final – tanto em verbos quanto em não-verbos – nas cidades de Florianópolis (capital de Santa Catarina), Blumenau (a 147 km da capital) e Itajaí (a 97 km da capital). O objetivo principal é descobrir se o comportamento diferenciado do segmento em Florianópolis em relação a Curitiba e a Porto Alegre, no que se refere às variantes predominantes do rótico e ao avanço do apagamento em coda final, se estende às cidades interioranas de Santa Catarina. Para esse fim, foi realizada a transcrição de amostras de fala do projeto ALiB, as quais são estratificadas por localidade – Florianópolis (8 amostras), Blumenau (4 amostras) e Itajaí (4 amostras) – sexo (masculino e feminino), idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (ensino fundamental completo ou incompleto). Foi adotado o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1994) e da Teoria da Fonologia Prosódica (NESPOR & VOGEL, 2007), a fim de identificar os fatores intra e extralinguísticos atuantes no processo de diferenciação e cancelamento do *R*. A análise estatística dos dados foi realizada através do pacote de programas GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Nossa hipótese inicial é de que o comportamento diferenciado de Florianópolis não se estenda ao interior catarinense, devido ao relativo isolamento geográfico da capital e aos diferentes processos de povoamento da capital em relação às cidades interioranas (PAGOTTO, 2001). Entretanto, ela é refutada pelos resultados, segundo os quais o apagamento se encontra bastante avançado nas três cidades analisadas, inclusive mais avançado nas cidades de Blumenau (*input* verbos: 0.98; *input* não-verbos: 0.69) e de Itajaí (*input* verbos: 0.99; *input* não-verbos: 0.52) do que na capital (*input* verbos: 0.98; *input* não-verbos: 0.38). Apesar disso, foram percebidas algumas diferenças quanto às variantes de pronúncia: em Florianópolis, o tepe prevalece na classe dos verbos, já nas outras cidades, as fricativas são mais frequentes; já nos não-verbos, enquanto, em Blumenau, predomina o tepe, em Florianópolis, são mais frequentes as fricativas, assim como em Itajaí. Quanto aos fatores sociais atuantes no processo, em Blumenau, os homens são mais propensos ao apagamento do que as mulheres e, em Itajaí, são os mais jovens em relação aos mais velhos, ao passo que, em Florianópolis, o oposto ocorre.

Palavras-chave: Distribuição do rótico, Projeto ALiB, Sociolinguística Variacionista, Fonologia Prosódica, Santa Catarina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

- Figuras 1 e 2:** Distribuição do cancelamento do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C1 e C2, Cardoso *et al.* (2014).....11
- Figuras 3 e 4:** Distribuição das realizações do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C3 e C4, Cardoso *et al.* (2014).....13
- Figura 5:** Constituintes prosódicos (NESPOR & VOGEL, 1986).....21

Gráficos

- Gráfico 1:** Percentuais de cancelamento do rótico em coda silábica final por classe morfológica (Florianópolis, Blumenau e Itajaí).....22
- Gráfico 2:** Percentuais de ocorrência de variantes do rótico em coda final (não-verbos, Blumenau).....23

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1:** Variável independente “Contexto Subsequente” em Blumenau.....24
- Tabela 2:** Variável independente “Sexo” em Blumenau.....25
- Tabela 3:** Variável independente “Dimensão do Vocábulo” em Blumenau.....25
- Tabela 4:** Variável independente “Contexto Subsequente” em Itajaí.....26
- Tabela 5:** Variável independente “Faixa Etária” em Itajaí.....27
- Tabela 6:** Variável independente “Fronteira Prosódica” em Itajaí.....27
- Tabela 7:** Variável independente “Vogal Antecedente” em Itajaí.....28
- Tabela 8:** Variável independente “Consoante Subsequente” em Itajaí.....29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1. O cenário da variação dos róticos no Sul.....	11
2.2. O cenário socio-histórico de Florianópolis, Blumenau e Itajaí.....	17
3. APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO E <i>CORPUS</i>.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
4.1. Blumenau.....	23
4.2. Itajaí.....	26
5. CONCLUSÕES.....	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso debruça-se sobre o estudo do avanço do processo de apagamento do rótico em coda silábica final no português do Brasil, mais especificamente, no português falado na região Sul do país (Exemplos 1 a 2). E embora já tenha sido abordado em diversos outros estudos sociolinguísticos, esse tópico está longe de se esgotar, despertando ainda muito interesse dentro da área.

Exemplo 1: Tem que paga[Ø]. (Informante 1, Blumenau)

Exemplo 2: Não conheço luga[Ø] nenhum. (Informante 2, Itajaí)

Graças a esses esforços, sabe-se, por exemplo, que o apagamento se encontra mais avançado em algumas regiões do país do que em outras, e que isso pode estar relacionado com as variantes de pronúncia predominantes em cada área dialetal. Sabe-se também que o apagamento não ocorre em todas as posições silábicas que o segmento pode ocupar e, mesmo na posição que licencia o cancelamento, a de coda, os percentuais são bastante distintos, se considerarmos a coda interna e a externa da palavra. Além disso, atualmente já está claro que a classe morfológica da palavra que contém o rótico em coda final influi fortemente na manutenção, ou não, do segmento.

Nesse âmbito, objetiva-se aqui conduzir uma análise sociolinguística comparativa entre o contexto de capital e o de interior tendo como foco o estado de Santa Catarina (SC), onde as diferenças de um para o outro, a princípio, são ainda mais significativas, como veremos adiante. Em outras palavras, objetiva-se: i) investigar quais os fatores *intralinguísticos* – próprios do sistema linguístico – e *extralinguísticos* – atrelados a aspectos sociais, culturais e históricos das comunidades de fala – que possivelmente estão influenciando o apagamento do rótico em cada cidade; ii) e comparar a frequência da ocorrência do fenômeno na capital com sua frequência no interior. Juntamente a esse estudo, pretende-se também fazer um mapeamento das variantes róticas que predominam em cada comunidade. Dessa forma, entende-se que o presente trabalho contribuirá, dentro do campo da dialetologia, para o conhecimento do português brasileiro (PB) e suas muitas variedades regionais.

A hipótese principal defendida é a de que a capital catarinense apresentará um comportamento mais inovador em relação ao interior, por motivos a serem detalhados nas

seções posteriores. Além disso, com base em resultados de estudos anteriores, presume-se que o cancelamento ocorrerá mais: i) em verbos do que em não-verbos, posto que o rótico em coda silábica final de verbos funciona como uma marca morfológica redundante do infinitivo e do subjuntivo futuro, formas verbais essas que são também marcadas pelo acento lexical na sílaba portadora do segmento (CALLOU, SERRA, CUNHA, 2015); ii) em vocábulos seguidos por consoante do que por pausa, haja vista a relação existente entre esta pista acústica e a fronteira prosódica de sintagma entoacional (IP)¹; iii) e em vocábulos polissílabos do que em monossílabos, que tendem mesmo a resistir mais à perda segmental, por conta da maior saliência fônica do rótico em vocábulos menores.

Vale comentar que o presente trabalho dá continuidade às pesquisas de Santana (2017) e Oliveira (2018)², que focalizam, respectivamente, as capitais do Sul – das quais será destacada a de SC, Florianópolis – e cidades interioranas de cada estado da mesma região do país – das quais, novamente, serão destacadas as de SC, Criciúma e Lages. No presente estudo, avançamos na análise, incorporando mais duas cidades interioranas: Blumenau, localizada a aproximadamente 143 km da capital, e Itajaí, a 98 km. Assim como as pesquisas antecedentes, o presente trabalho utiliza amostras de fala do *corpus* do projeto ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014).

O estudo se encontra estruturado da seguinte forma: na seção 2, será conduzida uma revisão de literatura, em que serão revisitados alguns estudos sobre o apagamento do rótico que orientarão a pesquisa; depois dela, na seção 3, o aporte teórico e a metodologia adotados, assim como as amostras de fala utilizadas, serão explicados mais a fundo; a seguir, na seção 4, apresentaremos a análise em si, em que os resultados obtidos serão discutidos e interpretados à luz do aporte-teórico; e, ao final, na seção 5, serão apresentadas algumas considerações finais sobre os achados do estudo e sobre as perguntas que restam responder.

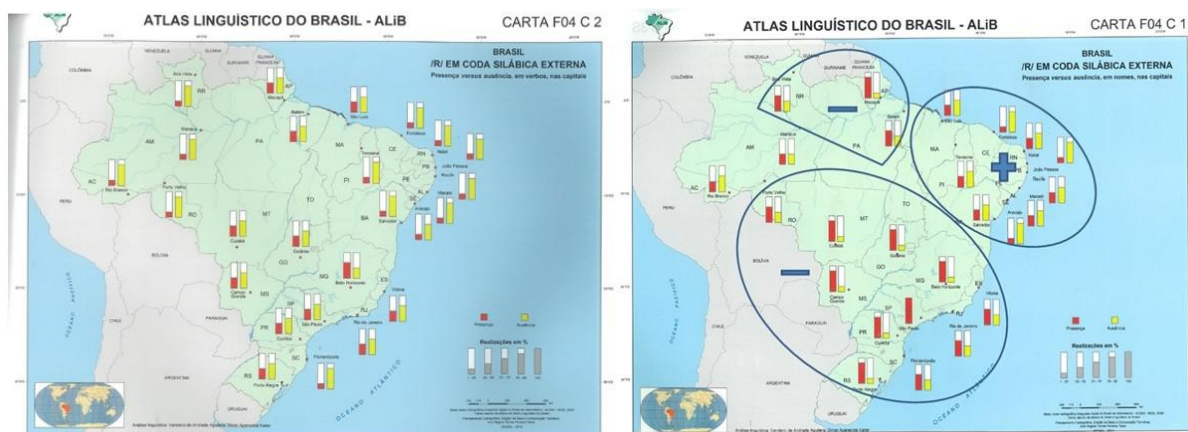
¹ A influência das fronteiras prosódicas em processos fonéticos-fonológicos – como o apagamento – foi já atestada em diversos outros trabalhos (BISOL, 2002; TENANI, 2002, 2004; ANDRADE, RODRIGUES, 2004; SERRA, CALLOU, 2012, 2013, 2015, SERRA e ALVES, 2019), de acordo com os quais as fronteiras mais altas, como a fronteira de IP (ou seja, final de frase), se mostram mais inibidoras a sua aplicação do que as mais baixas, como as fronteiras de palavra prosódica (PW) e de sintagma fonológico (PhP).

² O presente estudo e os supramencionados fazem parte do Projeto mais geral “Variação e prosódia no *corpus* do Projeto ALiB – Fase 2: o interior da Região Sul” (SERRA, 2018, 2020).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O cenário da variação dos róticos no Sul

Antes de abordar o comportamento do rótico no estado de Santa Catarina especificamente, é interessante considerar trabalhos que tratam do comportamento do /R/ em coda final no português do Brasil em geral, e depois na fala da região Sul. Por isso, inicia-se esta seção com cartas dialetais (Figuras 1 e 2) referentes ao fenômeno em questão – o apagamento do segmento – constantes do Projeto ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014), cuja equipe realizou entrevistas em 250 localidades em todo território brasileiro e cuja meta principal é, a partir dos dados recolhidos, descrever e analisar a realidade linguística do país. Nas cartas abaixo, contudo, apenas as 25 capitais do país são consideradas:



Figuras 1 e 2: Distribuição do cancelamento do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C1 e C2, Cardoso *et al.*(2014).³

A Figura 1 mostra os índices de apagamento em verbos. A Figura 2, por sua vez, se dedica à apresentação dos índices referentes a não-verbos. Nelas, percebe-se claramente a tendência de o apagamento ocorrer mais em verbos do que em não-verbos, uma vez que a “ausência” do segmento, na Figura 1, predomina em todas as capitais com a única exceção de Belo Horizonte. De fato, o apagamento no Brasil é tão significativo que representa um ponto de divergência entre o português brasileiro e o europeu, visto que é ainda muito tímido em Portugal (FARIAS, OLIVEIRA, 2014; BRANDÃO, MOTA, CUNHA, 2003; SERRA e CALLOU, 2015).

³ Na legenda das figuras, temos que a cor vermelha equivale à “presença” do segmento, e que a cor amarela equivale à ausência do mesmo.

Apesar disso, como se pode observar na Figura 2, o apagamento em não-verbos não se encontra tão avançado no país quanto em verbos. Percebe-se, inclusive, um contraste, demarcado pelos contornos azuis, em que a região Nordeste se destaca em relação às demais, apresentando os maiores índices de apagamento. Podemos, então, concluir que o fenômeno não só é mais comum em verbos, como também está mais avançado na região Nordeste.

De acordo com Callou, Serra e Cunha (2015), em cinco das nove capitais dessa região, o fenômeno é praticamente categórico em coda final, apresentando índices elevadíssimos de cancelamento em verbos e não-verbos. E, até mesmo nas outras quatro capitais, onde a classe morfológica é ainda um fator relevante, a situação não é muito diferente: os percentuais de ausência do /R/ não são menores do que 80% em verbos e permanecem superiores a 50% em não-verbos.

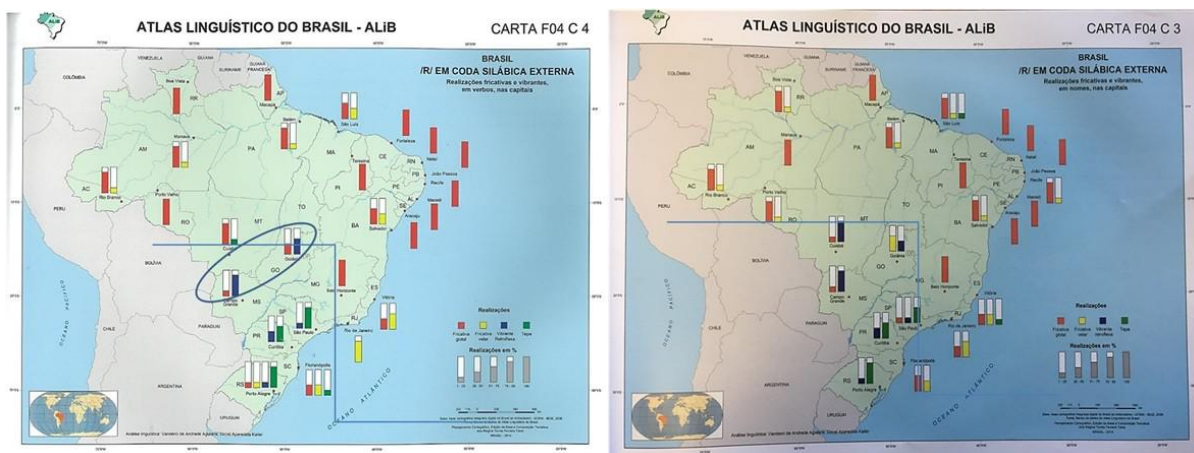
Segundo os resultados compartilhados pelas autoras, Aracaju (SE) foi a única das nove cidades a apresentar algum outro fator, isto é, além da classe morfológica, influenciando a ocorrência do fenômeno em verbos. Nela, o contexto de pausa, subsequente ao verbo portador do /R/, mostrou-se inibidor do processo. Callou, Serra e Cunha (2015) argumentam, contudo, que talvez a pausa não seja o fator em si que esteja inibindo o apagamento, mas se apresenta como uma pista acústica para o verdadeiro fator: a fronteira de IP, não incluída entre as variáveis.

No que tange aos dados de não-verbos, a dimensão do vocábulo portador do /R/ se mostrou relevante em todas as capitais, com exceção de João Pessoa (PB), onde aparentemente não há restrição alguma para a ocorrência do apagamento, linguística ou social. Segundo as autoras, o cancelamento do rótico em monossílabos foi bem menos frequente do que em polissílabos. Além disso, o sexo e a faixa etária do falante se mostraram influentes em algumas das capitais. Em Maceió (AL), Recife (PE) e Fortaleza (CE), as mulheres lideram o avanço do fenômeno em não-verbos. Em Fortaleza (CE) também, assim como em Aracaju (SE), os falantes mais jovens apresentam maiores índices de ausência de /R/ em coda final do que os mais velhos.

Haveria uma explicação para o apagamento se apresentar mais avançado na região Nordeste do que nas outras? Segundo estudos sociolinguísticos desde a década de 80 (CALLOU, 1987; MONARETTO, 2002 *apud* SANTANA, 2017; SERRA, CALLOU, 2013), não é mera coincidência. A hipótese que apresentam é de que o apagamento do rótico seria apenas a etapa final de um contínuo processo de enfraquecimento/posteriorização, no qual as

variantes de pronúncia com traço [+anterior] – as variantes tepe e retroflexa, por exemplo – seriam, ao longo do tempo, substituídas por variantes com traço [-anterior] – as fricativas velar e glotal – que seriam, então, reduzidas ao zero fonético. Nesse sentido, as localidades onde as variantes fricativas predominam há mais tempo frente às outras apresentariam os maiores índices de ocorrência do cancelamento.

As cartas abaixo (Figuras 3 e 4), também constantes do ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014), mostram a distribuição de variantes de pronúncia do rótico nas capitais:



Figuras 3 e 4: Distribuição das realizações do rótico em coda final em nomes (direita) e em verbos (esquerda) – Cartas F04 C3 e C4, Cardoso *et al.* (2014).⁴

Nas cartas, percebe-se que as variantes fricativas – sobretudo, a fricativa glotal – reinam no Norte e Nordeste do país, apesar de também serem frequentes nas outras regiões, como o Sudeste, onde apenas São Paulo não sucumbiu à sua primazia. Comparando as Figuras 3 e 4 com as Figuras 1 e 2, percebe-se que os maiores índices de apagamento de fato estão nas capitais onde predominam as variantes fricativas – com algumas poucas exceções, como Belo Horizonte no Sudeste e Macapá no Norte – o que corrobora a hipótese de haver maiores índices de cancelamento nas áreas de realizações mais posteriorizadas.

Focalizando agora as capitais da região Sul, a qual é de maior interesse para a presente pesquisa, percebe-se, sobretudo em Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS), um comportamento mais conservador em relação às capitais de outras regiões do país. Nestas duas cidades, não só os índices de ocorrência do apagamento do rótico são menores (Figuras 1 e 2), como também as variantes de pronúncia predominantes, tepe e retroflexa, possuem o traço [+ anterior] (Figuras 3 e 4), o que, de acordo com a hipótese da posteriorização, favorece a manutenção do

⁴ Na legenda das Figuras 3 e 4, temos que vermelho representa a variante fricativa glotal, amarelo, a fricativa velar, azul escuro, a vibrante retroflexa e verde escuro, a tepe.

segmento, mesmo em coda final. No caso de Florianópolis, tais variantes não são predominantes, embora presentes na fala dos manezinhos (Figura 3). Além disso, o apagamento em não-verbos na capital catarinense é bem menos frequente que, por exemplo, nas capitais da região Nordeste (Figura 2).

É, ainda assim, inegável que até mesmo no Sul houve um aumento significativo do cancelamento do rótico em coda final. Desde a década de 1970, as variantes anteriores foram perdendo cada vez mais espaço para as variantes fricativas posteriores e mesmo para o apagamento, cujos percentuais em Porto Alegre, por exemplo, saltaram de 31%, na década de 1970, a 64%, na década de 1990 (MONARETTO, 2002 *apud* SANTANA, 2017).

Entretanto, essa mudança não ocorreu de forma homogênea, mostrando-se mais marcante em Florianópolis (SC) do que em Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS), o que poderia ser explicado pelos diferentes processos de ocupação por que cada cidade passou. De um lado, Curitiba e Porto Alegre foram ocupadas majoritariamente por imigrantes alemães e italianos; Florianópolis, do outro, foi colonizada por portugueses açorianos e madeirenses (MONARETTO, 2002 *apud* SANTANA, 2017).

Esse comportamento diferenciado da capital catarinense em relação às outras duas é comprovado pelo estudo de Santana (2017). A partir de dados do *corpus* do ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014), a autora investiga: i) os índices de apagamento nas três capitais do Sul; ii) também os fatores intralinguísticos e extralinguísticos possivelmente influenciando a ocorrência do fenômeno em cada localidade; iii) e, é claro, as variantes de pronúncia predominantes em cada cidade. Vale apontar que, assim como nas cartas do ALiB, a autora dividiu seus dados em verbos e não-verbos, tendo em vista o já comentado peso da classe morfológica no cancelamento do segmento.

Nos dados de verbos, não houve grande diferença entre as três capitais, pois todas apresentaram altos índices de apagamento (Curitiba: 87%, *input* 0.91; Florianópolis: 94%, *input* 0.98; Porto Alegre: 86%, *input* 0.87), e, quando realizado o segmento, a variante predominante em todas foi o tepe (Curitiba: 75%; Florianópolis: 48%; Porto Alegre: 60%). Nos dados de não-verbos, por outro lado, o comportamento diferenciado de Florianópolis é mais perceptível. No que tange ao avanço do apagamento, a capital catarinense lidera, e por muito, com ausência do rótico em 41% dos 473 dados (*input* 0.38), enquanto, em Curitiba e Porto Alegre, o segmento é apagado, respectivamente, em somente 5% (*input* 0.05) e 7% (*input* 0.03) do total de dados (367 em Curitiba; 407 em Porto Alegre). Além disso, no que diz

respeito às variantes de pronúncia predominantes, embora o tepe tenha continuado predominante nas capitais paranaense e gaúcha, com percentuais de ocorrência de 49% e 59% respectivamente, em Florianópolis, as variantes fricativas posteriores se mostraram mais frequentes, com percentuais de ocorrência de 69% para a variante velar e 19% para a glotal.

Relativamente aos fatores que influenciam a ocorrência do cancelamento na capital catarinense, os resultados de Santana (2017) apontam, para os verbos, a influência de sete fatores para a aplicação da regra variável, selecionados na seguinte ordem: sexo, tipo de vogal antecedente, escolaridade, faixa etária, contexto subsequente, forma do verbo e fronteira prosódica.

Em Florianópolis, as mulheres se mostraram mais propensas a cancelar o segmento em sua fala do que os homens. Além disso, as vogais [a], [e] e [i] foram as mais favoráveis ao cancelamento do segmento. Os falantes mais velhos apagaram mais o rótico em relação aos mais jovens, assim como os falantes menos escolarizados em relação aos mais escolarizados. O contexto subsequente de consoante, por sua vez, foi mais favorável do que o contexto de pausa, o que vai ao encontro dos resultados de Callou, Serra e Cunha (2015), referentes às capitais do Nordeste. Diferentemente do esperado por Santana (2017), e do dito pela literatura, a forma verbal infinitiva se mostrou menos favorável ao apagamento do que formas não-infinitivas. Uma possível causa disso é a quantidade pequena de dados de formas não-infinitivas (133) em comparação àqueles de forma infinitiva (1925). Também surpreendentemente, as fronteiras mais altas de IP e sintagma fonológico mostraram-se mais favoráveis ao apagamento do que a fronteira mais baixa de palavra prosódica, quando o esperado seria o inverso.

Os fatores extralinguísticos escolaridade e faixa etária se mostraram relevantes também para os dados de não-verbos, influenciando o processo da mesma forma. O fator intralinguístico tipo de vogal antecedente foi outro que se mostrou relevante para ambas as classes morfológicas, porém as vogais que se mostraram favoráveis no caso de não-verbos não foram as mesmas. Além da vogal [a], não foram as vogais [e] e [i] que apareceram propiciando a ocorrência do apagamento, mas a vogal [o]. Vale apontar, contudo, sobre a seleção desse fator, que não houve, no trabalho de Santana (2017), uma análise referente à influência da frequência vocabular, apesar de ter sido feito um levantamento quantitativo para cada vocábulo incluído na pesquisa. Por fim, a única novidade nos resultados de não-verbos, em relação aos de verbos, foi o fator linguístico dimensão do vocábulo, e, segundo a autora,

os vocábulos polissilábicos foram os mais favoráveis ao apagamento.

Com igual interesse pelo Sul do Brasil, Oliveira *et al.* (2018) investigam o fenômeno do apagamento em seis cidades interioranas dessa região – duas de PR, duas de SC e duas de RS – a partir de dados do ALiB e comparam os resultados obtidos com os de Santana (2017), referentes às capitais. Naturalmente, a ocorrência de cancelamento do rótico foi mais frequente em verbos, com um percentual de 92%, do que em não-verbos, com um percentual consideravelmente mais baixo de 11%, levando em conta conjuntamente as seis cidades.

Em Criciúma, localizada a aproximadamente 195 km da capital catarinense, Oliveira *et al.* (2018) observaram os maiores percentuais de cancelamento: 97% em verbos (*input* 0.97) e 22% em não-verbos (*input* 0.22). Já em Lages, a 223 km, os percentuais foram de 87% em verbos (*input* 0.87) e 6% em não-verbos (*input* 0.06). Em ambas as cidades interioranas, o contexto subsequente de consoante mostrou-se um fator favorável ao apagamento em verbos. Outro fator, dessa vez social, que foi selecionado em ambas as cidades como influente na ocorrência do fenômeno em verbos foi a faixa etária dos falantes, mas sua influência se deu de forma diferente em cada localidade. Ao passo que, em Criciúma, os mais velhos foram os mais propensos a apagar o segmento em sua fala, em Lages, foram os mais jovens. O único fator selecionado exclusivamente em Criciúma, isto é, no caso dos verbos, foi o tipo de vogal antecedente, sendo as vogais [e] e [a] as mais favoráveis ao cancelamento do rótico.

Esse fator estrutural também se mostrou relevante para não-verbos, agora em ambas as cidades. Enquanto, em Criciúma, as vogais [e] e [a], mais uma vez, apareceram como as mais favorecedoras, em Lages, foi a vogal [ɛ]. Fora isso, no que tange ao fator dimensão do vocábulo, é interessante ressaltar que, em Lages, não se observou caso algum de apagamento em não-verbos monossílabos, apenas em polissílabos.

Oliveira *et al.* (2018) concluem que, embora “os índices de cancelamento em formas verbais sejam bastante semelhantes nas capitais e nos municípios do interior, [...]”; em não-verbos, o fenômeno está mais avançado nas capitais, principalmente Florianópolis.” (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 359). Outro apontamento feito pelas autoras é que a forte presença das fricativas na capital de SC, sobretudo na classe de não-verbos, não se estende às cidades interioranas de Criciúma e Lages, cujas variantes predominantes são, respectivamente, a aproximante e a tepe em ambas as classes morfológicas. Essas considerações de Oliveira *et al.* (2018) parecem corroborar a hipótese defendida no presente trabalho de que o comportamento do rótico na capital não é igual àquele no interior. Veremos

se o mesmo se revelará para as cidades de Blumenau e Itajaí.

2.2. O cenário socio-histórico de Florianópolis, Blumenau e Itajaí

Motivado pelo trabalho sobre a tensão entre sujeito e língua, Pagotto (2001) traça um rico delineamento histórico da capital catarinense, atentando-se às várias transformações por que a cidade-ilha passou ao longo dos séculos e ao como tais transformações afetaram a comunidade e o dialeto manezinho. Vale esclarecer que o fenômeno linguístico explorado no estudo não é o mesmo em destaque aqui – o cancelamento do rótico – mas a palatização que resulta na pronúncia africada das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal [i]. Apesar disso, o panorama fornecido pelo autor representa uma grande contribuição à presente pesquisa, pois ajuda na investigação acerca da influência de aspectos sociais no comportamento linguístico diferenciado de Florianópolis, relativamente às demais capitais do Sul.

Com base no livro *Uma cidade numa Ilha – Relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina* publicado pelo Centro de Estudos Cultura e Cidadania, Pagotto (2001) divide a história de Florianópolis em três momentos principais, nomeados no livro citado como: i) *Modo de Vida Ilhéu*; ii) *Desenvolvimentista*; e iii) *Ilha da magia*. O primeiro momento é caracterizado pela já mencionada ocupação da ilha por portugueses oriundos do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, no século XVIII. Segundo o autor, a vinda dos colonos fazia parte de um projeto político do governo português com a finalidade de garantir o domínio da região Sul do Brasil. Entretanto, os colonos que chegaram, em vez de expandirem o território rumo ao interior, acomodaram-se na ilha, atual capital, e no litoral de SC. As vilas fundadas pelos açorianos e madeirenses desenvolveram uma economia de auto-suficiência e seguiram “seu curso na história praticamente ignorando os grandes eventos e movimentos históricos por que passou o Brasil” (PAGOTTO, 2001, p. 11), de tal forma que esse isolamento se tornou outro ponto característico da fase *Modo de Vida Ilhéu*. Muito provavelmente, esse isolamento, que se estendeu até o século XX, também teve sua parcela de responsabilidade nas diferenças linguísticas observadas por Santana (2017) entre Florianópolis e as outras duas capitais do Sul.

O segundo momento – *Desenvolvimentista* – tem início com a construção da ponte Hercílio Luz em 14 de novembro de 1922, que conectou Florianópolis ao resto do estado, sendo assim, de acordo com Pagotto (2001), vital para a manutenção do *status* de capital pela

cidade-ilha. Essa fase é caracterizada, sobretudo, pelo processo de urbanização por que passou a região. No entanto, o autor explica que, apesar desse crescimento, a capital ainda não tinha encontrado uma nova vocação econômica. Foi apenas na década de 80, agora adentrando o terceiro e último momento da divisão – Ilha da Magia – que a cidade encontrou um caminho no turismo.

Uma consequência importante de ambos esses períodos é o estímulo à migração. Diferentemente do que normalmente se espera, o surto migratório rumo à Florianópolis não foi motivado por oportunidades de prosperidade financeira, mas pela natureza cativante da cidade e sua melhor qualidade de vida em comparação com outros centros urbanos. Por conta disso, a maioria dos migrantes recebidos na ilha não foram membros de classes mais humildes em busca de emprego, mas membros da classe média, majoritariamente paulistas e gaúchos (PAGOTTO, 2001).

Essa vinda de migrantes à capital é, inclusive, um dos temas centrais na pesquisa de Pagotto (2001), pois a escolha do autor de trabalhar com a variação entre a pronúncia africada e a pronúncia oclusiva não-africada das consoantes /t/ e /d/ diante da vogal [i] se justifica pelo fato de ela ser uma marca linguística dos conflitos dentro da comunidade manezinha entre migrantes e nascidos na ilha. Nesse sentido, como explica o autor, o surto migratório teria influenciado a realidade linguística da cidade, pelo menos no que diz respeito ao fenômeno linguístico que ele analisou. Será que também houve alguma interferência no comportamento do rótico? A princípio, parece que não, haja vista o comportamento inovador da capital catarinense em relação aos estados de origem desses migrantes.

No que concerne à história de formação de Blumenau, sabemos que, em 1850, a cidade era apenas uma colônia agrícola sob a vigência do filósofo Hermann Bruno Otto Blumenau, que, como a maioria dos imigrantes que se estabeleceram na região, era alemão. Ao longo dos anos, a região recebeu também italianos e poloneses, de modo que, com exceção de alguns descendentes portugueses do Vale do Rio Tijucas, a maioria da população não tinha origem em Portugal. A princípio, essa característica parece corroborar a hipótese de que o comportamento diferenciado de Florianópolis não se estende ao interior do estado de SC, pois, além de representar uma diferença entre Blumenau e a capital, representa uma semelhança entre Blumenau e as outras capitais do Sul, nas quais o apagamento se encontra menos avançado.

A história de formação de Itajaí, por sua vez, assim como no caso de Florianópolis, foi

marcada pela chegada de colonos da Ilha da Madeira e do Arquipélago dos Açores no século XVIII. Nesse sentido, Itajaí não é só mais próxima geograficamente da capital, como também historicamente semelhante. Apesar disso, é importante mencionar que o povoamento da região também teve forte influência germânica no século XIX, além da presença mais recente de imigrantes japoneses, tornando Itajaí uma cidade de rica miscigenação segundo o site da prefeitura (<<https://itajai.sc.gov.br/c/historia#.XpsVEMhKjIU>>). Desse modo, levando em conta aspectos da ocupação das áreas, nos colocamos a pergunta sobre haver mais semelhanças ou diferenças entre os falares de Blumenau e Itajaí, no que se refere ao tipo de realização e ao avanço do cancelamento do rótico, em relação ao de Florianópolis.

3. APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO E *CORPUS*

O presente trabalho adota o aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa proposto por Labov (1994, 2001), que investiga a relação entre língua e sociedade, defendendo que os fenômenos de variação e mudança linguística são inerentes a todas as línguas naturais. Além disso, o autor defende que a variação é ordenada e que a mudança não ocorre de forma abrupta, tampouco imprevisível, mas de forma gradual em um longo período de tempo. Nesse sentido, é possível estudar de forma sistemática os fatores linguísticos e sociais que estariam envolvidos na aplicação de regras variáveis.

A escolha desse aparato se justifica pelo grande número de estudos – dentre os quais os citados na seção anterior – que têm demonstrado a influência não apenas de fatores linguísticos como também de fatores sociais no apagamento do rótico em posição de coda final. A pesquisa segue, portanto, os passos metodológicos da investigação sociolinguística quantitativa: levantamento dos dados de fala, codificação dos dados a partir das variáveis independentes, análise estatística – realizada através do programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) – e interpretação dos resultados à luz das hipóteses levantadas.

Para a testagem dos condicionamentos atuantes na variável dependente (apagamento vs manutenção do rótico), foram consideradas nove variáveis independentes nas rodadas estatísticas, 4 sociais – sexo (masculino e feminino), faixa etária (mais velhos e mais jovens), escolaridade (mais escolarizados e menos escolarizados) e cidade de origem do falante (Blumenau, Florianópolis e Itajaí) – e 5 linguísticas – dimensão do vocábulo (monossílabos e polissílabos), contexto subsequente (consoante e pausa), tipo de consoante subsequente ([b], [k], [d], [f], [g], [ʒ], [m], [l], [n], [p], [s], [ʃ], [t], [v] e [z]) se houver, contexto antecedente ([a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ] e [u]) e fronteira prosódica (PW, PHP e IP). Por conta da atuação diferenciada da regra variável, já comentada anteriormente, nas classes morfológicas de verbos e não-verbos, os dados foram separados em dois grupos, cada qual composto por dados de cada classe. Além disso, foram considerados apenas os vocábulos com contexto subsequente de consoante e pausa, uma vez que, em contexto subsequente de vogal, observa-se a atuação variável da ressilabificação (Exemplo 3).

Exemplo 3: Ela vai ponha[ru] ovo. (Informante 2, Blumenau)

A pesquisa segue também os postulados de Nespore e Vogel (1986) sobre as fronteiras

prosódicas. De acordo com as autoras, a fala humana é segmentada em constituintes prosódicos, relacionados e organizados hierarquicamente. Para a investigação aqui conduzida, são levadas em consideração as fronteiras de três dos sete constituintes (Figura 5) postulados por Nespor e Vogel (1986), são eles: palavra prosódica (PW), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP).

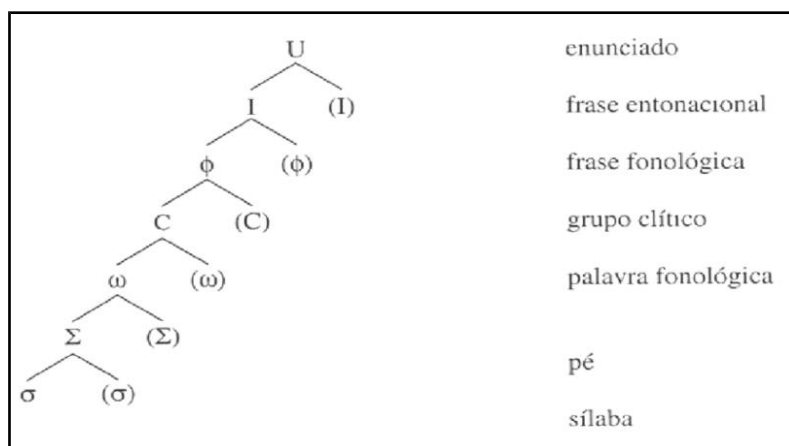


Figura 5: Constituintes prosódicos (NESPOR & VOGEL, 1986).

Como dito anteriormente, as amostras de fala utilizadas pertencem ao ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014). Foi feita a transcrição de oito dessas amostras semi-espontânea – questionários e narrativas – que o projeto abarca, quatro de Blumenau e quatro de Itajaí. Os dados referentes a Florianópolis, com os quais cotejaremos os nossos resultados, são do estudo de Santana (2017), que trabalhou com vinte e quatro amostras do ALiB (CARDOSO *et alii*, 2014), oito de cada capital da região Sul. Os entrevistados das capitais são divididos a partir de três critérios: sexo – masculino e feminino, faixa etária – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, e escolaridade – superior e fundamental. Já no caso das cidades do interior, como Blumenau e Itajaí, todos os entrevistados têm escolaridade fundamental, por isso a diferença na quantidade de amostras (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001).

Terminadas as transcrições das entrevistas, foi coletado um total de 699 vocábulos que interessavam à pesquisa, 560 verbos e 139 não-verbos. Esses dados foram, então, codificados considerando o conjunto de variáveis. Em seguida, os dados foram reunidos para o início das rodadas estatísticas com o programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Passemos, portanto, à apresentação de seus resultados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estudo de Santana (2017), Florianópolis se distinguiu das outras duas capitais do Sul por apresentar percentuais elevados de apagamento (94% em verbos, e 41% em não-verbos). Considerando, especificamente, os percentuais observados na fala dos falantes menos escolarizados, houve cancelamento do rótico em 97% dos 969 dados de verbos e em 55% dos 242 dados de não-verbos. Por conta do relativo isolamento geográfico da capital catarinense em relação ao interior, entre outros fatores, levantamos a hipótese de que esse comportamento diferenciado apresentado por Florianópolis não se estendesse ao interior do estado. Em outras palavras, pressupôs-se que o apagamento estivesse mais refreado nas cidades interioranas, como Blumenau e Itajaí.

Contrariamente, os percentuais de apagamento em Blumenau, assim como os de Itajaí, em verbos e não-verbos, mostraram-se bastante similares aos de Florianópolis, senão, inclusive, um pouco mais elevados (Gráfico 1). Os falantes de Blumenau cancelaram o rótico em 98% dos 289 dados de verbos e em 69% dos 58 dados de não-verbos, enquanto os de Itajaí o fizeram em 99% dos 271 dados de verbos e em 52% dos 81 dados de não-verbos. Apesar do número pequeno de dados obtidos das amostras consultadas, sobretudo em comparação com aqueles recolhidos para a análise da capital em Santana (2017), esses resultados inegavelmente refutam nossa hipótese e evidenciam a grande presença do apagamento em ambas as cidades interioranas estudadas.

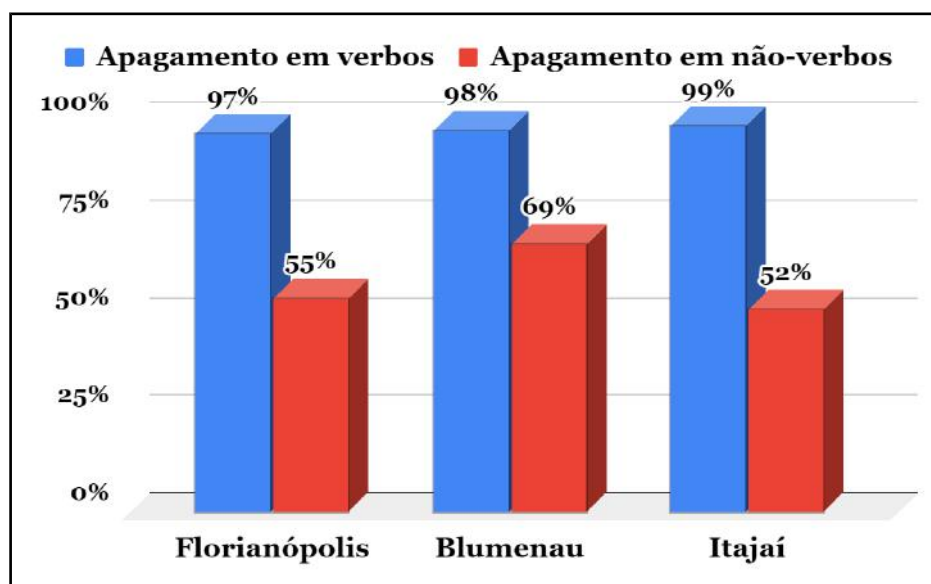


Gráfico 1: Percentuais de cancelamento do rótico em coda silábica final por classe morfológica (Florianópolis, Blumenau e Itajaí).

Nas duas subseções a seguir, são apresentadas as variantes do rótico predominantes em cada cidade e as variáveis que atuam na aplicação da regra de cancelamento do rótico.

4.1. Blumenau

No que concerne aos tipos de realização do rótico, Blumenau mostrou-se uma cidade favorável à competição de variantes. Dos 58 dados de não-verbos, apenas 31% (18) não foram alvo do cancelamento, assim preservando o segmento. Apesar desse número pequeno, quatro variantes foram observadas, dentre as quais o tepe se destacou com um percentual de 50% de ocorrência (Gráfico 2), diferentemente de Florianópolis, onde as fricativas prevaleceram (Santana, 2017). Apesar disso, as variáveis posteriores ainda ocorreram em um terço dos casos de manutenção, com um percentual de 33,33% (Gráfico 2).

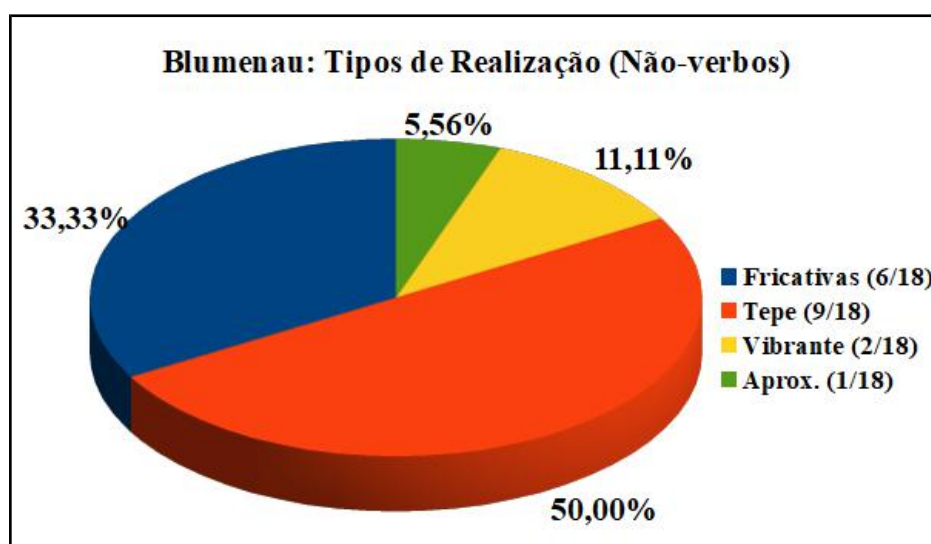


Gráfico 2: Percentuais de ocorrência de variantes do rótico em coda final (não-verbos, Blumenau).

Considerando a classe de verbos, o número de variantes em jogo, assim como o número de casos de manutenção, diminuiu. Nos 5 dados de verbos em que o rótico não foi apagado, observaram-se somente dois tipos de realização: as fricativas com um percentual de 80% (4/5) de ocorrência e o tepe, com 20% (1/5). Mais uma vez, Blumenau se distingue da capital, onde a tepe foi a variante mais frequente na classe dos verbos (SANTANA, 2017).

Acerca das variáveis independentes que se mostraram mais influentes em Blumenau, não houve muita diferença em relação à capital. Dos nove fatores intra e extralinguísticos que

foram considerados para as rodadas estatísticas referentes aos dados de não-verbos, três foram selecionados pelo programa GoldVarb X (*input*:0.69; significância:0.003). O primeiro deles foi o contexto subsequente (Tabela 1), e o contexto de consoante foi apontado como mais suscetível à ocorrência de cancelamento, apresentando um peso relativo (P.R) de 0.90, maior do que aquele apontado para o contexto de pausa, 0.16. A seleção desse fator em específico não é surpreendente, pois também ocorreu nas pesquisas de Santana (2017), de Oliveira *et al.* (2018) e de Callou, Serra e Cunha (2015), tendo sido o contexto de consoante o mais favorável em todas elas. Ademais, a influência desse fator provavelmente está associada ao tipo de fronteira prosódica em questão, visto que o contexto de pausa frequentemente marca a fronteira de IP (CALLOU, SERRA, CUNHA, 2015), a qual aparece como inibidora de processos fonético-fonológicos no geral.

Tabela 1: Variável independente “Contexto Subsequente” em Blumenau

Contexto Subsequente	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Pausa	16/33	48.5%	0.16
Consoante	24/25	96%	0.90

O segundo fator selecionado pelo programa estatístico – dessa vez extralinguístico – foi o sexo do falante (Tabela 2), com os homens se mostrando mais propensos a apagar o segmento em sua fala (P.R: 0.85) do que as mulheres (P.R: 0.19). Assim como o contexto subsequente, essa variável também apareceu nos resultados dos estudos consultados, inclusive nos de Santana (2017), para Florianópolis. Curiosamente, contudo, foram as mulheres que apareceram liderando o avanço do fenômeno entre os manezinhos, e também nas capitais do Nordeste, investigadas por Callou, Serra e Cunha (2015). É possível que essa diferença se dê por conta da maior abertura ao mercado de trabalho e às esferas públicas para as mulheres nas cidades grandes em comparação com aquelas vivendo no interior; ou, porventura, isso seja consequência de algo exclusivo a Blumenau, uma vez que, nas cidades interioranas estudadas por Oliveira *et al.* (2018), o sexo não se mostrou influente na aplicação da regra variável.

Tabela 2: Variável independente “Sexo” em Blumenau

Sexo	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	18/32	56.2%	0.19
Masculino	22/26	84.6%	0.85

Por fim, o terceiro fator selecionado pelo programa para não-verbos em Blumenau foi a dimensão do vocábulo (Tabela 3). De forma análoga ao primeiro, a seleção deste último fator, também intralinguístico, é esperada, haja vista a maior saliência fônica do rótico em vocábulos menores. Afinal, o apontamento de vocábulos monossílabos como resistentes ao apagamento (P.R: 0.05) em relação aos polissílabos (P.R: 0.63) é algo que também ocorreu nos três trabalhos mencionados acima.

Tabela 3: Variável independente “Dimensão do Vocábulo” em Blumenau

Dimensão do Vocábulo	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Uma sílaba	3/9	33.3%	0.05
Mais de uma sílaba	37/49	75.5%	0.63

No que concerne aos verbos, não houve seleção por parte do programa de nenhuma variável independente como influente na ocorrência do apagamento. Situação essa que também foi percebida em grande parte das capitais do Nordeste por Callou, Serra e Cunha (2015). A partir disso, é possível concluir que o cancelamento do rótico em Blumenau, especificamente nessa classe morfológica, é praticamente categórico. Em outras palavras, o fenômeno deixou de ser uma regra variável e se tornou – ou, no mínimo, está em vias de se tornar – uma regra, simplesmente. E, apesar de terem sido apontados alguns fatores inibidores para Florianópolis, entre outras cidades, os percentuais de apagamento em verbos permanecem altíssimos. De fato, é cada vez mais inegável que essa conclusão acerca da cidade estudada não se aplique mais somente a regiões específicas, mas a todo o Brasil. Nesse sentido, acredita-se que o apagamento do rótico em coda final se configura como uma mudança em curso no PB.

4.2. Itajaí

Tendo em vista sua história de formação, similar à de Florianópolis, a princípio se esperava que os índices de cancelamento em Itajaí fossem maiores do que em Blumenau, cuja própria história mais se assemelha a das outras duas capitais sulistas, onde o fenômeno continua relativamente refreado. Dos 81 dados de não-verbos obtidos na cidade, 48% (39) preservaram o segmento, representando um percentual maior de manutenção do que aquele obtido em Blumenau. Por outro lado, dos 271 dados de verbos, somente 2 não sofreram apagamento do rótico em coda final. No que diz respeito aos tipos de realização predominantes, é interessante observar que as fricativas reinaram absolutas (100%) em ambas as classes morfológicas, sem competição alguma.

Nesse sentido, pode-se concluir que Florianópolis, embora mais inovadora em relação às outras capitais do sul, é mais conservadora do que Itajaí, haja vista a presença do tepe na capital, consideravelmente expressiva na classe de verbos (SANTANA, 2017). Muito provavelmente, a presença dessa variante anterior na capital catarinense é uma consequência da vinda de migrantes paulistas e gaúchos à cidade-ilha, a quem Pagotto (2001) faz referência em seu trabalho.

Relativamente aos fatores intra e extralinguísticos que influenciam o processo de cancelamento em Itajaí, quatro deles foram selecionados, para os dados de não-verbos (*input*: 0.52; significância: 0.037), e um, para os de verbos (*input*: 0.99; significância: 0.049). O primeiro fator que se mostrou relevante para a aplicação da regra em não-verbos, similarmente a Blumenau, foi o contexto subsequente (Tabela 4). De forma análoga à outra cidade, e ao observado nos outros estudos, o contexto de consoante (P.R: 0.75) favorece mais o cancelamento do que o contexto de pausa (P.R:0.25), que, em realidade, o inibe.

Tabela 4: Variável independente “Contexto Subsequente” em Itajaí

Contexto Subsequente	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Pausa	15/41	36.6%	0.25
Consoante	27/40	67.5%	0.75

O segundo fator selecionado pelo programa GoldVarb X foi a faixa etária do falante (Tabela 5), e os mais jovens (P.R: 0.64) apareceram como os propulsores do fenômeno em relação aos mais velhos (P.R: 0.31), algo que de fato normalmente acontece com formas inovadoras em casos de variação e mudança linguística. Curiosamente, todavia, isso não foi o observado em Florianópolis na pesquisa de Santana (2017). Na capital de SC, foram os mais velhos que se mostraram mais favoráveis ao avanço do fenômeno. Talvez, isso possa ser explicado pelas cobranças (inclusive linguísticas) impostas pelo mercado de trabalho aos mais jovens e que, porventura, são mais presentes nas capitais do que no interior.

Tabela 5: Variável independente “Faixa Etária” em Itajaí

Faixa Etária	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Mais Jovens	30/47	63.8%	0.64
Mais velhos	12/34	35.3%	0.31

O terceiro fator selecionado para os não-verbos em Itajaí foi a fronteira prosódica (Tabela 6). Surpreendentemente, apesar de o contexto de pausa ter aparecido como inibidor do processo na cidade, a fronteira de IP (P.R: 0.63) não o acompanhou, mostrando-se mais favorável ao apagamento do que a fronteira de PhP (P.R: 0.25). Entretanto, vale apontar, acerca da fronteira de PW, a mais baixa dentre as consideradas, que houve *knockout* de 100% de cancelamento – o que também ocorreu em Blumenau, embora a variável em questão não tenha sido selecionada pelo programa para esta cidade interiorana. Nesse sentido, os resultados que concernem à seleção desse fator em Itajaí são um pouco ambíguos, visto que ambos os extremos estão propiciando a ocorrência do fenômeno. É possível que tal ambiguidade derive da pouca quantidade de dados analisados, ou talvez o avanço da regra variável na região seja tal que a fronteira prosódica tenha perdido sua relevância (CALLOU, SERRA, 2012).

Tabela 6: Variável independente “Fronteira Prosódica” em Itajaí

Fronteira Prosódica	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
Sintagma Entoacional (I)	22/50	44%	0.63
Sintagma Fonológico (P)	14/25	56%	0.25

Palavra Prosódica	6/6	100%	–
--------------------------	-----	------	---

O quarto e último fator selecionado para a classe de não-verbos em Itajaí foi a vogal antecedente ao rótico (Tabela 7), e as vogais [ɔ] e [a] se mostraram as mais favoráveis à aplicação da regra variável, com P.Rs de 0.60 e 0.64 respectivamente. Esse fator também apareceu nos resultados dos outros trabalhos e pode estar ligado, como eles sugerem, à qualidade fonética da vogal, que, de alguma forma, se assemelha à do rótico realizado nessas cidades. Nesse sentido, por exemplo, as vogais de traço [-anterior], como o [ɔ] e [a], são mais condicionadoras do apagamento em Itajaí do que as vogais [+anterior], como o [e] (P.R: 0.14), pois o tipo de realização predominante do rótico na cidade – as fricativas – também é mais posterior, o que propicia mais a lenição e a queda total do segmento. Questionou-se, contudo, se não houve alguma interferência de outro importante fator: a frequência de ocorrência de certos vocábulos nas amostras. Em uma revisita às amostras de fala de Itajaí, percebeu-se que, dos 24 dados de não-verbos com a vogal [ɔ], 18 referiam-se aos mesmos dois vocábulos: “melhor” (11 oco.) e “maior” (7 oco.). Além disso, no caso da vogal [a], das 10 ocorrências de apagamento, metade delas dizia respeito a dados do vocábulo “lugar”. Podemos nos perguntar, então, se o que a Tabela 7 mostra é um condicionamento legítimo, ou se a frequência do vocábulo, e não a qualidade da vogal, induz ao apagamento. Essa é uma questão que se pretende responder em uma etapa futura da pesquisa.

Tabela 7: Variável independente “Vogal Antecedente” em Itajaí

Vogal Antecedente	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
[e]	1/4	25%	0.14
[o]	12/30	40%	0.40
[ɔ]	12/24	50%	0.60
[a]	10/16	62.5%	0.64
[i]	2/2	100%	–
[ɛ]	5/5	100%	–

Considerando, por fim, a classe dos verbos, apesar de Itajaí ter apresentado o maior percentual entre as três cidades (99%), houve a seleção de um fator linguístico pelo programa

GoldVarb X (*input*: 0.99; significância: 0.049): tipo de consoante subsequente (Tabela 8). De acordo com o resultado das rodadas, a consoante [d] (P.R: 0.54) favoreceria mais a ocorrência de apagamento do que a consoante [p] (P.R: 0.45), embora os dois pesos relativos estejam muito próximos do valor neutro e todas as outras consoantes tenham sofrido *knockout* de 100% de aplicação da regra. Questionou-se se o fator em questão realmente estaria influenciando o fenômeno. Afinal, com um percentual tão alto de aplicação da regra, parece mais provável que o cancelamento do rótico, no caso dos verbos, tenha se tornado, como em Blumenau, praticamente categórico. Ademais, a princípio não parece haver traços fonéticos compartilhados pela consoante [d], oclusiva e anterior, e as fricativas posteriores – tipo de realização mais frequente na cidade – que explicariam essa seleção.

Tabela 8: Variável independente “Consoante Subsequente” em Itajaí

Consoante Subsequente	Oco./ Total	Percentual	Peso Relativo
/p/	18/19	95%	0.45
/d/	26/27	96%	0.54

5. CONCLUSÕES

A hipótese formulada de que o comportamento diferenciado de Florianópolis não se estenderia às cidades de Blumenau e Itajaí do interior de SC foi refutada. Nas três cidades, o apagamento do rótico se encontra bastante avançado, sendo praticamente categórico na classe dos verbos, com percentuais altíssimos. No caso dos não-verbos, embora os percentuais tenham sido mais tímidos, foram também elevados, acima dos 50%. Blumenau foi a cidade com os maiores percentuais de ocorrência do fenômeno apesar de sua história de formação ser semelhante às outras capitais da região Sul do país, cujos índices de cancelamento são consideravelmente menores. É possível que, por conta da proximidade entre as cidades, o fenômeno tenha chegado mais facilmente a Blumenau e Itajaí do que às cidades estudadas por Oliveira et al. (2018), Criciúma e Lages, cujas distâncias em relação à capital catarinense, de fato, são maiores.

Entretanto, ainda que a hipótese aqui defendida tenha sido refutada pelos resultados obtidos, houve diferenças relativas às variáveis sociais, entre a capital e as duas cidades interioranas, que são dignas de mais aprofundada investigação. Além disso, houve diferenças também nos tipos de realização predominantes, em especial entre Itajaí e Florianópolis. Embora Florianópolis, em comparação às outras duas capitais, tenha um comportamento mais inovador, foi interessante perceber que, nesse aspecto, ela se mostrou mais conservadora em relação à cidade interiorana historicamente semelhante, com a presença da variante anterior tepe, possivelmente associada à vinda de migrantes de classes médias de estados com comportamentos ainda mais conservadores, como São Paulo e Porto Alegre.

Para o futuro, pretende-se, além da inclusão do fator frequência vocabular [-], estudar um número maior de cidades do interior de SC, mais afastadas da capital. Desse modo, espera-se desenhar um *continuum* referente ao comportamento do rótico no estado e, ao mesmo tempo, continuar a investigação da relação entre interior e capital.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, A. & RODRIGUES, C. Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. In: **Actas do XIX Encontro da APL**. Lisboa: APL/Colibri. 2004, p. 257-268.
- BISOL, L. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: Bisol, L. & Brescancini, C. (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.231-250
- Blumenau – Portal da Prefeitura de Blumenau. História do município. Disponível em: <<https://www.blumenau.sc.gov.br/blumenau/historia>>. Acesso em: 16/04/2021.
- CARDOSO, S. et alii. **Atlas linguístico do Brasil**. Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CALLOU, D., SERRA, C. & CUNHA, C. (2015) Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. In: HORA, D. & BATTISTI, E. (Org.) **Revista da Abralín**. V. 14, n. 1, 2015.
- CALLOU, D. & SERRA, C. (2012). Variação do rótico e estrutura prosódica. In: **Revista do GELNE**. v. 14, no Especial, p. 41-58.
- CALLOU, D. (1987) **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.
- Comitê Nacional do ALiB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- FARIAS, A & OLIVEIRA, I. (2014) O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In: **Anais do IV colóquio brasileiro de prosódia da fala**. 2014.
- Itajaí – Portal da prefeitura de Itajaí. História. Disponível em: <<https://itajai.sc.gov.br/c/historia#.XpsVEMhKjIU>>. Acesso em: 16/04/2021.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- OLIVEIRA, I; SANTANA, M.; XAVIER, K. & SERRA, C. O rótico em coda silábica final na região Sul do Brasil: variação e mudança no Corpus do ALiB. In. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**. v. 20: Número Especial "História linguística e social, Fonética-Fonologia-Prosódia, Variação e Mudança Linguística: homenagem a Dinah Callou", p. 334-364, 2018.
- PAGOTTO, E. G. **Variação e(é) identidade**. 2001. Tese (Doutorado em linguística) –

Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows.** Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, M. **O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

SERRA, C.; ALVES, M. G. Ressilabificação do rótico e fronteiras prosódicas no sul do Brasil. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 47-73, jan./jul. 2019.

SERRA, C. & CALLOU, D. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. **Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Coimbra, APL, 2013, p. 585-594

SERRA, C. & CALLOU, D. Prosodic, structure, prominence and /r/-deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: Amedeo de Dominicis, (ed.). **pS-prominenceS: Prominences in Linguistics. Proceedings of the International Conference.** Department of Human Sciences and Tourism. University of Tuscia. Disucom Press, Viterbo, Italy, 2015.

TENANI, L.E. **Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos.** Tese de Doutorado, IEL, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP. 2002.

TENANI, E. L. O Bloqueio de sândi vocálico em PB e em PE: evidências da frase fonológica. In. **Revista Organon.** Porto Alegre v. 18, n 36, p. 17-29, 2004.